



PHOÏNIX



RESENHA

CORVISIER, Jean-Nicolas. **Bataille de Chéronée**.
Printemps -338. Philippe II, roi de Macédoine, et
le futur Alexandre le Grand. Paris: Ed. Economica,
2012. 150 p.

QUERONEIA. FIM DAS CIDADES GREGAS? VOLTA DA “HISTÓRIA-BATALHA”?

José Antonio Dabdab Trabulsi^{**}

Jean-Nicolas Corvisier, “Professeur des Universités”, autor de mais de quinze livros e de várias dezenas de artigos, trabalha em especial acerca da história demográfica, mas também nos campos da biografia e da história militar. Ele publica agora este livro sobre a batalha de Queroneia na coleção “Campagnes et Stratégies”, dirigida por Philippe Ricalens, na série “As grandes batalhas”, que já possui uma centena de títulos, entre os quais este sobre Queroneia e outro sobre Salamina, no que se refere à Antiguidade. Isso me inspira um comentário pessoal. Eu me formei em História, no Rio de Janeiro, em meados dos anos 1970. Era a época, no Brasil e em muitos outros países, do triunfo da “Escola dos Anais”, grupo que, em sua primeira e segunda gerações, Bloch, Febvre e Braudel em especial, tinha lançado quase que uma proibição, para os que se pretendiam historiadores sérios, sobre a biografia e sobre o que eles chamaram a “História-batalha”. Trabalhando naquela que era, então, a melhor biblioteca de História geral da cidade, a da Maison de France, eu tinha diante dos olhos muitos livros

* Recebida em 03/02/2014 e aceita em 28/02/2014.

** Professor titular do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais.

sobre batalhas e mais ainda biografias. Mas passei os quatro anos em que lá estudei ignorando-os, como se eles fossem indignos de um historiador sério. É verdade que a terceira geração dos Anais em parte reabilitou os dois gêneros, Duby com **Le dimanche de Bouvines**, e Le Goff com seu **Saint Louis**. Mas, num e noutro casos, estávamos muito longe da história militar e das biografias à moda antiga. Ora, já faz muitos anos que o sucesso dos relatos sobre batalhas e ainda mais as biografias é um fato marcante no panorama da pesquisa e, mais ainda, do mercado editorial. Para além da constatação, inquestionável, coloca-se uma questão: será que temos uma renovação real, que traz um verdadeiro interesse intelectual e historiográfico? Temos aqui uma oportunidade para medir essa contribuição.

O autor começa (capítulo I, “A autópsia de uma batalha”, p. 3-10) com um excelente comentário das fontes e revista historiográfica sobre Queroneia “através dos séculos”. Seu ponto principal é a intenção de questionar a visão “Queroneia, fim da história grega”, tal como foi expressa na obra de Glotz. No capítulo II, “Por que Queroneia? Um conflito entre duas Grécias”, p. 11-43, ele articula uma explicação em termos de oposição entre uma Grécia do Norte e uma Grécia do Sul e do Centro. A Grécia do Sul e do Centro é marcada por um equilíbrio em vias de esgotamento, segundo ele, enquanto que a Grécia do Norte está em expansão e em fase de consolidação. O autor encontra bons pontos de apoio em dados demográficos e econômicos, que ele conhece muito bem, e que são importantes para explicar as forças em presença. Ele faz uma boa recapitulação (embora sem novidades) da organização social e política da Macedônia, da Tessália, da Grécia do Norte em geral. Mas ele volta ao tradicional, e de forma pesada, supervalorizando o papel das individualidades (Felipe II, p. 27 *sq*), e à História-batalha mais tradicional, com um relato sobre a Terceira Guerra Sagrada (p. 33 *sq*). Estamos mais próximos de uma história tal como foi praticada no século XIX do que da história tal como foi renovada pelo **Dimanche de Bouvines** e pelo **Saint Louis** acima mencionados.

Em seguida (capítulo III, “Em direção à batalha decisiva”, p. 45-69), ele dá, enquanto especialista da guerra, o melhor de si mesmo. Explica em detalhe as forças em presença: a guerra hoplítica dos gregos do sul e do centro, renovada desde a Guerra do Peloponeso. Tudo é explicado: equipamentos, ordem de batalha, efetivos, escolha do terreno, condições e momentos do combate, vantagens e desvantagens dessa forma de conflito. Depois, a guerra entre os macedônios, uma mecânica nova e bem azeitada,

com as vantagens do armamento mais leve em termos de mobilidade no campo de batalha, da sarissa em termos de percussão, da cavalaria reforçada em diversas funções de batalha. Uma guerra adaptada às condições sociais, econômicas e políticas da Grécia do Norte, mas que, em princípio, não partia vitoriosa de antemão: tudo seria resolvido no campo de batalha. Ele volta, então, a um relato do tipo *crônica* dos eventos que precederam a campanha de 338, quase que semana a semana, no qual reencontramos as fragilidades de uma análise à moda antiga tanto em termos de inteligibilidade para o leitor contemporâneo quanto em termos de fiabilidade histórica pura e simples (as fontes, muito fragmentárias, comprometidas com outros interesses, muitas vezes posteriores de vários séculos aos eventos, tornando uma reconstituição tão ambiciosa em termos de minúcia, aleatória demais). E isso apesar da grande competência do autor nesse campo de estudos. Quando ele volta a uma análise mais ampla e conceitual, seu texto se torna outra vez muito interessante, por exemplo, p. 68 *sq.*, sobre a “ordem oblíqua” de combate.

Chegamos então ao coração do livro, com “A batalha” (capítulo IV, p. 71-100) - e seu relato detalhado. Mergulhamos com o autor numa série de incertezas contra as quais ele luta com muita erudição e muitas... conjecturas! Incertezas sobre o dia da batalha (só se pode ter uma ideia aproximada, mas ele se esforça em chegar ao dia exato); incertezas quanto ao local exato da batalha, pois as fontes são aproximativas, além do fator agravante das possíveis transformações da paisagem ao longo dos séculos; incertezas quanto aos efetivos mobilizados, incerteza relativa quanto ao lado macedônico, e muito maior para o outro lado (30000 soldados contra 25000? 2000 cavaleiros contra menos de 1000? Talvez.). Que tipos de armas de um lado e do outro? Esse é talvez o ponto menos incerto, mas apenas um pouco menos incerto: a infantaria de Felipe era composta unicamente de falangistas portadores de sarissas? Incertezas sobre o comando das tropas: conhecemos alguns nomes, mas em que ponto do terreno eles comandaram? O autor propõe uma hipótese de linha de frente na batalha muito variável (pois dependente do número de fileiras adotado, o que é muito difícil de saber) entre 3 km e 1,3 km. Ele avalia a influência possível da carga de cavalaria e da “fuga simulada” (um recuo estratégico de Felipe). Uma distensão da linha de defesa no centro do front, resultado da estratégia de Felipe, acabou permitindo a ruptura da linha de defesa dos gregos. Toda essa reconstrução é muito engenhosa, encontra certos pontos de apoio nos textos antigos. Mas tudo é muito fragmentário, os textos são muitas vezes interessados ou ideologizados demais, ou tardios

em demasia (é o próprio autor que o explica) para que se possa realmente ter uma confirmação do que fica mais parecendo um castelo de cartas, apesar do grande conhecimento do autor acerca da história militar. A pergunta que se impõe é a mesma que já tinha sido feita há 75 anos pelos fundadores da Escola dos Anais: será que o esforço vale o resultado? O mínimo que se pode dizer é que a pergunta é pertinente.

No capítulo V, “Depois da batalha”, p. 101-117, ele faz um balanço em termos de perdas humanas: por volta de 5000 mortos, dos 60000 combatentes - são perdas importantes, mas não muito distantes das médias das guerras gregas. Comemorações importantes: sacrifícios, sepultura para os mortos, troféu (provavelmente, porém impossível de situar no sítio) e o local da batalha - que se torna depressa um ponto de curiosidade e de visita “turística”. Felipe explora a vitória: Tebas punida, Atenas preservada (em vista de uma aliança contra os persas), Esparta ainda mais diminuída em termos de território e de poderio. Democracias derrubadas, uma Liga de Corinto organizada sob a condução de Felipe, enquanto *hégémôn*, com o cargo de *stratégosautokrator*, com a dispensa de prestar contas a quem quer que seja. O autor mostra, sem tirar disso todas as consequências, que as mudanças podem ter aparecido no momento como sendo importantes, porém limitadas e nem tão diferentes assim das consequências habituais de uma guerra perdida. Mas é uma falsa impressão, e uma falsa impressão que a posteridade percebeu e fixou com o recuo do tempo.

O autor chega a conclusões paradoxais (capítulo VI, “Queroneia face à História”, p. 119-126). Ele procede a uma revisão das fontes que, sem exceção, explicam Queroneia como o fim da liberdade das cidades gregas. Ele situa cada um desses autores em seu contexto e explica as opiniões. Mas essas boas “explicações” não levam a argumentos que possam contestá-las. É verdade que “no entardecer do dia de Queroneia, os Gregos não tinham o sentimento de uma ruptura importante, ainda menos da perda de suas liberdades” (p. 121-122). Mas a ilusão não vai durar muito tempo. A destruição de Tebas, a repressão a Esparta, a perda de todos os elementos de poder marítimo de Atenas, e, com Alexandre, um pouco mais tarde, a obrigação da *proskynèse* para todos, tanto bárbaros quanto gregos, revelam muito depressa uma mudança de época. Com Queroneia e seus 60000 combatentes, a própria guerra muda de escala, escapando aos meios das cidades gregas e até de alianças de cidades gregas.

Na sua muito curta Conclusão, “Queroneia, uma vitória escandalosa?”, p. 126, o autor afirma que “contrariamente ao que se afirmou, a Cidade grega não morreu em Queroneia, junto com as ilusões dos Atenienses. Ela lá encontrou, de fato, uma nova juventude. A idade de ouro das cidades foi também o período helenístico, quicá até o período imperial, o que permitiu a ela ser um sistema político ainda perfeitamente adaptado à época de Veneza, de Gênova ou das cidades livres da Hansa. Queroneia não foi uma vitória escandalosa. Foi simplesmente a passagem de uma época a outra, nos quadros de um helenismo renovado” (p. 127).

“Idade de ouro das cidades gregas”? Talvez, do ponto de vista do número de cidades, de sua distribuição no espaço do Velho Mundo, com a sua expansão em direção à Ásia central. Talvez, do ponto de vista da riqueza geral e do patrimônio arquitetônico, que é magnífico, com suas Alexandrias, Apameia da Síria e tantas cidades exuberantes. Sem dúvida, a cidade resiste (mais ou menos, de acordo com a região) do ponto de vista político, e funciona ainda ao nível “interior”, mas com uma dimensão “municipal”. A *polis* enquanto *polis* deixou de ser o ator maior da história grega. E, quanto a este ponto, eu não penso como o autor: Queroneia marca sim o fim da Cidade grega e, a termo (mas num registro secular, do tempo longo), o fim da política tal como ela tinha sido inventada e praticada pelos gregos desde a época arcaica. Para aqueles dentre os nossos contemporâneos que, como eu, pensam que a política nas cidades gregas e entre as cidades gregas pode ser um exemplo a meditar a fim de corrigir as insuficiências da nossa própria política, Queroneia é um momento a lamentar mais do que a se olhar com simpatia. Cada um com o seu ponto de vista... No que se refere ao método histórico, e apesar de uma abordagem mais aberta e mais moderna nos “contornos” do livro, no que toca ao argumento principal e ao fio condutor, temos aqui um bom exemplo do retorno da “História-batalha”. Isso não chega a surpreender numa época – a nossa – que viu, no decurso do último quarto de século, desde a primeira Guerra do Golfo, um retorno das guerras de alcance mundial, o que não tinha acontecido desde o Vietnam. Os acontecimentos contemporâneos criaram de novo um público para esse tipo de relato histórico. Os historiadores não perderam a ocasião e responderam a uma demanda social e editorial. Que seja! Mas não se pode deixar de lamentar, quando se pensa na qualidade e na complexidade do trabalho do historiador, pois a História-batalha não é certamente o melhor caminho para se chegar a uma história de qualidade.